

## LER NO PAPEL, LER NA TELA, LER O MUNDO

Luciane Teixeira da Silva  
([luciane762004@yahoo.com.br](mailto:luciane762004@yahoo.com.br))  
(<http://lattes.cnpq.br/5730461999044540>)

### LIVRO IMPRESSO E DIGITAL: TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E IMAGINAÇÃO CRIADORA

O objetivo deste artigo é analisar, através de um viés histórico, alguns dos aspectos a respeito do livro e da leitura em suporte digital. Para tal, discorreremos brevemente sobre o surgimento do livro, seu desenvolvimento e difusão ao longo do tempo. Nesta perspectiva, buscamos definir resumidamente o conceito de leitura, seus aspectos materiais, cognitivos e sociais. E ainda, procuramos descrever a trajetória de algumas práticas de leitura, a partir do livro manuscrito; passando ao impresso e suas transformações, até chegar ao livro digital.

Como sabemos, a leitura sempre esteve relacionada com um suporte material que sofreu inúmeras mudanças ao longo do tempo e chegou ao livro que hoje conhecemos, objeto do cotidiano e de inúmeras esferas de atividade humana.

Em conformidade com essas novas possibilidades de leituras, ouvimos falar em **livro digital**, conceito que atravessa a produção do saber e as práticas pedagógicas. Considerar as mudanças apontadas nos leva às seguintes reflexões: como se dá o processo de leitura a partir desse novo suporte? Quais os sentidos apreendidos da imagem e da imaginação do real através de uma imagética, uma surrealidade? Nessa perspectiva, como ocorre a formação do espírito humano, já que o ato de pensar está em constante processo de mudança, contínuo e dialógico?

Para tais questões, abordamos como base teórica a perspectiva bachelardiana de razão e imaginação, desenvolvida a partir de dois pontos diferentes de sua produção acadêmica, tidos como opostos e contraditórios, que, no entanto, demonstram-se ser complementares. A característica comum

a esses pontos, segundo o autor, é a ontogenia ou criação do ser, que ultrapassa e reconfigura o mundo, convertendo-se numa surrealidade e, assim, auxiliando no desenvolvimento pleno do espírito, direcionando as formas e os caminhos do racionalismo e da poética que conduzem à formação plena do indivíduo.

## LIVRO, REVOLUÇÃO E TECNOLOGIA: IMAGINAÇÃO FORMAL E IMAGINAÇÃO MATERIAL

Quando pensamos em tecnologias, é comum imaginar aquelas que nos são apresentadas na atualidade, como o computador, a televisão, as câmeras digitais etc. No entanto, nos esquecemos que, desde o homem da idade da pedra até o **homem quase virtual**, a sociedade humana passou por diversas transformações em diferentes épocas, que podem ser consideradas *verdadeiras* revoluções tecnológicas ou técnico-científicas.

Nesse sentido, se pensarmos nos instrumentos criados pelo homem desde a pedra lascada até o computador, observamos um processo de desenvolvimento que o levou a estabelecer relações entre ele e o próprio objeto, ou seja, a cada criação/evolução, era preciso, segundo Bachelard (*apud* Barbosa; Bulcão 2004), que este apontasse as descontinuidades pertinentes relativa ao conhecimento científico e o conhecimento comum. Para ele, a ciência não está relacionada ao último conhecimento, e sim que sua construção ocorre a partir da rejeição da experiência primeira: “A ciência progride porque a razão é livre e fecunda, sendo a descontinuidade e a ruptura com o saber anterior a mola propulsora do progresso e do desenvolvimento da razão.” (Barbosa; Bulcão, 2004, p.26)

Nessa perspectiva, analisando dois caminhos, o epistemológico e o poético, Bachelard contrapõe ciência e imaginação. Em uma extremidade está o racionalismo com todo seu rigor e na outra a poética, com seus devaneios que nos fascina pelo interior de imagens súbitas e originais. Para o autor, essas duas vertentes são opostas como o dia e a noite; entretanto

complementares, no sentido que nos introduz num mundo novo e surreal, colocando-nos, na condição humana, num ponto superior em sua totalidade; transitando nesses dois caminhos que alcançamos a formação integral.

Sob essa ótica, Bachelard distingue imaginação formal e imaginação material, e em relação a esta última, torna seu caráter glorioso evidente, na medida em que o trabalho da matéria contribui para a formação plena do sujeito.

A imaginação formal se constitui como algo estável, ou seja, as idéias se apresentam de formas bem definidas e imutáveis em relação às reflexões do mundo. Seu caráter primordial é o de copiar o real, situando-se sem muita importância nas laterais do objeto. Já a imaginação material é a união entre o contrário, isto é, constrói uma psicologia do contra, apresentando-se como um incentivo a materialidade do mundo, o que a torna dinâmica e transformadora, incitando a psique humana, causando um fluxo ininterrupto de imagens sempre novas, definido pelo autor como vôo ascendente da imaginação criadora que tem como fundamento a noção temporal de instante.

De acordo com Nascimento Filho (2007), a imaginação material está associada a coisas opostas, onde ela consegue estabelecer a junção entre a água e o fogo, a terra e a água, a terra e o fogo, o frio e o quente. Essa percepção nos leva a um profundo devaneio essencial, o devaneio das substâncias.

A riqueza desse devaneio essencial consiste em que esse sonho é o inverso do sonho da forma. É um sonho que se sonha na própria matéria. O sonho das formas sempre se completa, enquanto que o sonho da matéria se produz em esquemas indefinidos, ou seja, eles estão sempre em movimento e nunca definidos. (Nascimento Filho, 2007. p. 144).

Para Bachelard, existe uma terceira via da força imaginativa, denominada de imaginação poética, para que o homem alcance o reino da aventura. É no trabalho da imaginação poética que o poeta consegue compreender e apreender sua capacidade de criar linguagem nova. É a partir do trabalho da imaginação poética que Bachelard demonstrou a existência da

fenomenologia da imaginação, ou seja, apreensão ilusória de um objeto, captado pela sensibilidade ou também reconhecido de maneira irrefletida pela consciência imediata que subsiste às características psíquicas do sujeito.

Na produção ininterrupta das imagens – os *cachos de metáforas* na expressão de Bachelard – a escrita poética no formato do livro impresso despertou tamanha paixão no filósofo da imaginação que dizia **navegar** diariamente na sua **mesa de existência**, empilhada de papéis e livros. E pedia toda manhã ao **deus da leitura**: a fome nossa de cada dia nos dai hoje!

Se hoje se navega no hipertexto, Bachelard representa também a culminância do amor ao livro como objeto de expansão do espírito humano, transcendendo as fronteiras do espaço e do tempo. Entretanto, antes do formato definitivo do livro impresso, há todo um processo histórico a relatar.

Segundo Roger Chartier (1996), a leitura na antiguidade era leitura de uma forma de livro que não tem nada de semelhante com o livro tal como o conhecemos, tal como conhecia Gutenberg e tal como conheciam os homens da Idade Média. Para conformar-se no objeto que hoje é, o livro passou por várias transformações, pois os registros antigos eram feitos em blocos de argila, tabletes de barro úmidos, onde as palavras eram gravadas com estilete, tabletes de madeira coberta com cera, tabletes a fogo, passando para o rolo de pergaminho extraído do couro de animais até a criação egípcia da massa de papiro, chegando ao papel. Os livros eram manuscritos, desenhados, pintados a mão e com detalhes em jóias e ouro, tornando-se objetos frágeis e preciosos (NÓBREGA, 2002).

Por apresentar-se da forma como a exposta acima, as práticas e o acesso à leitura vão variar de acordo com cada época. Se no período medieval os homens tinham que utilizar as duas mãos para desenrolar o pergaminho a fim de lê-lo, hoje o livro permite que o leitor interaja fazendo anotações e marcações em sua margem. A partir desse suporte, a leitura torna-se uma atividade que pode desenvolver-se em diversos lugares e momentos, pois o livro é um objeto portátil. Diante disso, percebemos como o livro moldava-se a técnicas desenvolvidas a cada época. Suas várias transformações ao longo

dos séculos continuam e o livro hoje se transpõe da folha de papel para a tela do computador, assumindo o que se vem convencendo chamar de livro digital.

Retomando a descrição histórica do livro, pode-se considerar que, a partir da invenção da tipografia móvel, os livros já são impressos e admitem cópias, facilitando o desenvolvimento do conhecimento de diversas áreas<sup>1</sup>. O livro tornou-se mais barato, deixando de ser visto como preciosidade, pois não dependia mais de copista para fazê-lo, deixando de circular somente em espaços reservados como sacristias e bibliotecas sagradas. Machado (1997) pontua que o livro, ao adotar a forma de códice, se revelou num formato portátil, compacto e prático, diferente dos rolos de pergaminho. Esse formato criou raízes tão profundas nas sociedades, em nossa cultura, que se tornou difícil imaginar este objeto como algo distinto do que hoje nos é apresentado. De acordo com o autor, numa ampla acepção, o livro pode ser visto como dispositivo através do qual *“uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os vôos de sua imaginação.”* (p. 176). Percebemos com isso que a relação entre livro e sociedade se estabelece por um processo mútuo de constante transformação. Se em outros tempos ele se fez diferente, agora nada impede que continue mudando.

O advento das sociedades modernas, entre o último período da Idade Média e começo da Idade Moderna, favoreceu algumas transformações culturais sistemáticas desencadeadas pelas inovações técnicas em geral e principalmente pela criação da impressão. Era o início de uma cultura letrada

---

<sup>1</sup> Segundo Villaça (2002, p. 29), o período do Renascimento entre meados dos séculos XV e XVI, favoreceu o desenvolvimento das técnicas de comunicação e a transformação do documento escrito em livro impresso. Este último, sem ser elemento determinante das mudanças que então se processavam, representou um ponto de convergência da técnica, do espírito mercantil e da circulação das idéias humanísticas. Como afirmam Philippe Breton e Serge Proulx, graças às técnicas tipográficas, a expansão do livro foi espetacular. Desde a publicação do primeiro livro tipografado, o saltério de *Maiença*, em 1457, até a viragem do século, em 1500, contam-se mais de 15 a 20 milhões de obras repartidas em 35.000 edições, ou seja, 1.300 livros por dia.

que produzia e reproduzia textos em larga escala. Segundo Villaça (2002), essas novas formas de comunicação e interação atingiram seu auge com o surgimento e desenvolvimento, em meados do século XV, das organizações midiáticas.

Contudo, não devemos observar a invenção de Gutenberg somente pelo lado da revolução tecnológica, num campo mais avançado de nossa visão, devemos considerar fatores de uma Europa abalada por problemas sociais, econômicos e religiosos, movimentos relevantes que fizeram com que o livro adquirisse grande importância como veículo de difusão da comunicação. Se outrora este objeto tinha a função de conservar e manter a palavra sagrada, textos esses indiscutíveis, os livros nesse período eram utilizados para a conversão de moedas, operações numéricas, atividades ligadas diretamente ao comércio, ou seja, sua função não foi imediatamente de comunicação como poderíamos supor.

Entretanto, segundo a autora, as grandes inovações intelectuais do Renascimento contribuíram para a transformação da ideia num objeto de comunicação, um objeto mental que, a partir desse momento, podia ser “transportado, transferido, enriquecido, verificado, emendado, modificado ou combinado, uma vez que já não estava ligado a um sistema teológico que o normalizava e restringia a sua circulação.” (p.31); ou seja, através da mediação do livro, a ideia passou a ser introduzida em todas as áreas comerciais. Isso porque com as novas técnicas de reprodução e difusão, passou a ser vista como informação, entendida nesse sentido como algo que possibilita a formulação de idéias a partir da reflexão e das mudanças. Assim, a invenção da imprensa e a disseminação do livro, entre outros produtos da modernidade, propiciaram uma revolução determinante no imaginário humano, desencadeando processos de subjetivação que se construíram e desconstruíram, entre os séculos.

Podemos definir o livro numa acepção mais ampla, como todo e qualquer dispositivo pelo qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus

conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os vãos de sua imaginação. Ou, num contexto mais moderno, segundo palavras do próprio *Lucien Febvre* (Martin, 1992, p. 15): livro é o instrumento mais poderoso de que pode dispor uma civilização, para concentrar o pensamento disperso de seus representantes e conferir-lhe toda a eficácia, difundindo-o rapidamente no tecido social, com um mínimo de custos e de dificuldades. Sua função primordial é “conferir [ao pensamento] um vigor centuplicado, uma coerência completamente nova e, por isso mesmo, um poder incomparável de penetração e de irradiação” (MACHADO, 1997, p. 176)

Ainda sobre a relação entre livro, cultura e organização social, Villaça (2002) afirma que a circulação de histórias podia provocar “reflexão, mudança, movimentos de desagregação, numa época em que se formavam as nacionalidades: em que se buscava unidade lingüística, homogeneidade cultural e culto da tradição” (p. 20). Percebemos com isso que a mudança gerada pelo aparecimento do livro impresso não foi simplesmente uma modificação nos modos de armazenar e difundir informações, mas uma verdadeira revolução nos modos de organização das sociedades. Ao se referir à passagem da cultura oral à impressa, a autora descreve o fato de que o modo de transmissão da experiência, antes *in presentia*, no mundo de Gutenberg é substituído pela possibilidade de uma relação de afastamento da vivência em comum, alterando o papel do narrador que passa a acrescentar algo ao mundo. Dessa forma não é somente a prática de leitura que muda, mas as relações entre os sujeitos e o conhecimento.

Para Villaça (2002), há uma relação direta entre os valores da modernidade e a construção de um imaginário do livro impresso, visto como “impeditivo, para muitos, da rapidez da divulgação, da democratização dos saberes (p. 55).

O desenvolvimento de inventos como a estrada de ferro, a fotografia e a comunicação telegráfica por eletromagnetismo alterou a forma como as pessoas percebem o mundo externo, possibilitando diferentes perspectivas: desde uma visão panorâmica até a experiência de choque do imediato, da



urgência e da descontinuidade. Villaça (2002) dá o exemplo do impacto do jornalismo no pensamento humano: os textos são produzidos, consumidos e descartados em um ciclo que se propaga dia-a-dia, não permitindo a possibilidade de os saberes fixarem-se, acumularem-se sob a forma de livros.

Com o passar dos séculos, observamos que tanto os livros quanto as formas de leitura tiveram um crescimento em sua circulação à medida que sofreram inovações. De acordo com Braga e Ricarte (2005), a redução do tamanho do livro facilitou seu transporte e manuseio, tornando a leitura uma atividade realizada em qualquer lugar e espaço, o que conseqüentemente permitiu sua expansão e difusão. Se a escrita manual foi considerada uma revolução tecnológica, os séculos vindouros provariam que esta não seria a única e sim o início de muitas outras que possibilitariam ao homem romper barreiras que limitavam sua interação, como a criação do telefone, rádio, cinema, televisão, fax e o computador que atualmente ganhou destaque na vida e práticas cotidianas das sociedades.

Os anos 60 desencadearam outras transformações técnicas relativas a informações e comunicação nos mais diferentes seguimentos, ou seja, o início do século XX, provocou uma reflexão em relação à mecanização que não se restringia à discussão das questões sociais, mas também “a uma filosofia da tecnologia em torno da velocidade, do progresso, do espiritualismo e da mecanização” (GIUCCI apud VILLAÇA, 2002, p. 59-60). Outros exemplos destacados por Villaça são: as dimensões da potência mecânica, vista no automóvel, a multiplicação dos poderes do homem relacionado ao processo de transformação do corpo, diminuindo os limites entre o natural e o artificial que seguem rumo às próteses mais sofisticadas da atualidade, como os transplantes e as nanotécnicas. Para tal, o homem busca significados insistindo na utilização dos gigantes míticos, tais como Titãs, Cíclopes, Hércules, o que simboliza essa força sobrenatural, diferentemente do sublime tecnológico que atualmente se designa com alusões maquinicas, sem a representação de figuras mitológicas tradicionalmente relacionadas à natureza.



Depois de Frankenstein, máquina mortífera, surgem no contemporâneo o personagem Cibionte, como o cérebro global em mutação, a Cosmopédia, cidade do pensar híbrido, e outras figuras da tecnologia. (VILLAÇA, 2002, p. 59-60).

Criado inicialmente com o objetivo de realizar cálculos numéricos rápidos, o computador teve, posteriormente, seus códigos estendidos para representação de letras. Com fins comerciais, o computador permitiu o armazenamento de dados e o processamento de informações. É também na década de 1960 que surgem as primeiras aplicações computacionais para a edição de textos e redes entre si, facilitando o trabalho de copiar arquivos de uma máquina para outra (BRAGA; RICARTE, 2005).

Coscarelli e Ribeiro (2005) afirmam que durante a década de 70 acreditou-se que não havia razão para as pessoas possuírem um computador em casa, mas, em cerca de vinte anos, essa idéia se modificou completamente. Os microcomputadores cresceram em espaço de memória, velocidade de processamento e diminuíram de tamanho, o que possibilitou o seu uso portátil e doméstico. E, assim, no final do século XX, a evolução e integração das tecnologias de rede e de computação desenvolveram uma ferramenta múltipla utilizada tanto para armazenar, recuperar informações quanto para a comunicação à distância.

Em 1990 é implantada a rede mundial de computadores (*World Wide Web*), conhecida popularmente como internet. Essa ferramenta causou uma nova revolução, possibilitando a comunicação, a troca de informação instantânea em um único meio. Deixando de ser de uso de luxo ou acessível somente a grandes empresas, a rede passou a ser utilizada em casa pelas pessoas com o objetivo de estudo, pesquisa, comunicação e lazer. Assim, diferentes tipos de informações textuais e audiovisuais circulam na *Web*, alterando as formas, práticas de leitura e produção de textos (BRAGA; RICARTE, 2005). Nas últimas décadas, inúmeros pesquisadores têm

privilegiado o domínio das comunicações e numerosas revoluções vem sendo profetizadas como a de *Marshall McLuhan*, sobre o fim da galáxia Gutenberg e a instituição de uma aldeia global eletrônica e planetária. A esse respeito Nizia Villaça (2002) afirma que:

a idéia de uma revolução que transformaria de alto a baixo as nossas sociedades associou-se a toda uma série de inovações técnicas em informação e comunicação surgidas a partir dos anos 60: distribuição por cabo dos sinais de televisão, implantação das redes de satélites de comunicação, aparecimento do vídeo portátil e, a seguir, do gravador doméstico, invenção da microinformática, convergência entre informática e telecomunicação que desembocou na telemática, redes digitais integradas, televisão interativa, telemóveis, televisão de alta definição - que se pretende substituir hoje pela noção de digitalização -, auto-estradas eletrônicas e da informação, etc. (VILLAÇA, 2002, p.17-18)

Visto como mais uma invenção tecnológica, o computador ganhou grande destaque nas práticas cotidianas. Com o uso dessa ferramenta, tornou-se possível a comunicação e a interação entre várias pessoas, simultaneamente, através dos *e-mails* e salas de bate-papo, possibilitando um deslocamento na temporalidade dos processos de produção e consumo dos textos, isto é, o tempo entre sua escrita e sua leitura pôde passar ao nível do praticamente instantâneo.

Sintetizando a trajetória das revoluções associadas ao livro e à leitura, percebe-se o quanto essa evolução está ligada ao progresso tecnológico que transpõe com maior velocidade as barreiras espaciais num tempo instantâneo, o qual somente é possível ser pensada a partir do campo das transformações socioculturais e geopolíticas que estão inseridas neste contexto.

Buscando refletir sobre o processo de evolução do livro, Villaça (2002) recorre aos estudos históricos de Roger Chartier (1999). Para o autor, a maior revolução sofrida pelo livro surge com o suporte eletrônico, pois ele entende que as mudanças anteriores não alteraram sua estrutura, somente lhe acrescentaram alguma modernização. Agora, o livro digital agrega vários

recursos novos: presença de imagens em movimento; a animação das próprias palavras; a presença de vozes; páginas com várias saídas.

Na percepção acima exposta associamos a idéia Bachelardiana de verticalidade, seu objetivo na poética. Para ele, “os instantes poéticos são como cintilações de uma linguagem que nos impulsiona num vôo ascendente e vertical, negando assim, o tempo linear que corre horizontalmente. “ (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p. 70).

A essa negação de tempo linear Bachelard associou a chama de uma vela, ou seja, um incentivo a verticalidade que conduz nosso ser em tensão para um adiante, um sempre mais, um nível acima que irá nos proporcionar um acréscimo na psique humana. São os voos e as imagens ascensionais que observamos através da chama da vela que nos faz sonhar, criar imagens, o que contribui para nossa saúde espiritual e para a formação do sujeito.

Direcionar o olhar para o livro digital nessa perspectiva nos remete ao pensamento Bachelardiano de que a imaginação material, que provém do mundo material, essa estrutura artesanal, trabalha e modela o inconsciente é que vai promover uma reviravolta no pensamento humano imputando-nos um progresso e o crescimento psíquico do indivíduo.

Logo, de acordo com Bachelard, o progresso acontece a partir do instante em que retomamos a nós mesmos, o que nos leva a constituir-nos como sujeitos. Entretanto, não é com simples retorno ao passado que vivemos, que iremos compreender. O que o autor quer nos dizer é que contrariamente, o que ocorre é um acréscimo do sujeito, onde a verticalidade nos direciona ao progresso, “o eu não deve ser apenas memória, mas deve, sim, caminhar em direção ao futuro, acrescentando sempre a si mesmo algo novo, ou seja, instruindo-se.” (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p.72).

Pode-se então concluir que, as mudanças pelas quais o livro passou ao longo do tempo está relacionada ao voo transcendental da verticalidade do imaginário do homem que o permite desenvolver e viver o novo, acrescentado o seu eu de novas imagens, a imaginação do real, a partir da surrealidade formada pelo seu espírito. Nesse sentido, como acontece a leitura com esse

novo suporte, já que estes textos não seguem uma linearidade, não se apresentam pontuais e geralmente são lidos na tela de um computador?

## LEITURA E IMAGINAÇÃO: SONHOS E DEVANEIOS

Ao falar de livro digital verificamos que os recursos tecnológicos eletrônicos revolucionaram o processo de leitura. Roger Chartier (1999) define leitura como “apropriação, invenção, produção de significados, sendo o leitor um caçador que percorre terras alheias” (p. 77), pois a história da leitura presume uma liberdade do leitor que se desloca e subleva, na linearidade da escrita, naquilo que o livro impõe. Contudo, essa liberdade leitora não é totalmente absoluta; as práticas de leitura se caracterizam pela diversidade. De acordo como os tempos e os lugares, os gestos se modificam; aqui, a leitura, o texto em si, não se restringe somente ao sentido que o autor, o editor e os comentadores lhe atribuem. As maneiras de se ler ao longo da história passaram por diversas rupturas: do rolo ao códex, do livro impresso ao texto eletrônico.

Segundo Maria Helena Martins (1990), a leitura não se relaciona unicamente ao ato de decifrar palavras, pois como poderíamos explicar as expressões de uso corrente fazer a leitura de um gesto, de um objeto, ler o olhar de alguém, ler o tempo e o espaço (p. 7). Desse modo, observamos que a leitura antecede a escrita à medida que podemos ler e interpretar diferentes tipos de linguagens, tais como a gestual e a corporal. Entendemos que a leitura está associada a diferentes contextos, não ficando restrita aos signos lingüísticos.

Para a autora, podemos dizer que algo influente na leitura são as condições interiores e exteriores, subjetivas e objetivas, componentes fundamentais para desencadeá-la e desenvolvê-la. Conseqüentemente, o ato

de ler é algo que ocorre para além do texto<sup>2</sup>, onde o leitor passa a assumir um papel atuante, deixando de ser um mero decodificador ou receptor passivo. Logo, o contexto no qual o leitor está inserido e as pessoas com quem convive passam a ter influência significativa para seu desempenho na leitura. “Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor.” (MARTINS, 1990, p.33).

Nessa perspectiva, o leitor pouco se detém no funcionamento do ato de ler, no que se refere às inter-relações que se estabelecem. Entretanto, esse aspecto está relacionado à existência do homem, incitando a fantasia, o conhecimento e a reflexão acerca da realidade. Maria Helena Martins (1990) nos propõe pensar a leitura, configurando três níveis básicos: o sensorial, o emocional e o racional, e cada uma dessas dimensões se aproxima do objeto lido de maneira distinta. Por ser a leitura dinâmica e circunstanciada, esses elementos além de se inter-relacionarem são simultâneos, mesmo um sendo mais privilegiado do que o outro, de acordo com as experiências, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto no qual está inserido.

Segundo Maria Helena Martins (1990), a leitura sensorial é aquela que aprendemos quando ainda somos bebês e nos acompanha por toda a vida; não está condicionada ao código escrito, podemos realizá-la a partir da leitura de um gesto, de um objeto, de um cheiro, ou seja, dos nossos sentidos de audição, tato, visão, olfato e paladar utilizados como elementos fundamentais para sua realização. “Antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro. Pode-se ouvi-lo se folharmos suas páginas.” (p.42).

O segundo nível básico definido pela autora é a leitura emocional. Esta, por realizar-se a partir do subjetivismo, também é vista com um grau de inferioridade. Diferentemente da sensorial, nesta o leitor estabelece um vínculo empático com os personagens e situações vividas por eles.

---

2 A noção de texto para a autora não se restringe ao código escrito, podendo caracterizar também sons, imagens, acontecimentos, gestos, etc.

(...) porque na leitura emocional não importa perguntamos sobre o seu aspecto, sobre o que um certo texto trata, em que ele consiste, mas sim o que ele faz, o que provoca em nós. (MARTINS, 1990, p.53).

O último nível básico, chamado pela autora de leitura racional, se caracteriza por estabelecer uma ligação entre o leitor e o conhecimento através da análise e da reordenação do mundo objetivo. Esse tipo de leitura possibilita dar sentido ao texto, permitindo questionar tanto a própria individualidade quanto o universo das relações sociais, ou seja, nesta a preocupação do leitor é com o texto, seu foco está direcionado para a reflexão, a indagação. É necessário compreender para dialogar com ele. Isso porque "(...) a leitura da escrita acabou se impondo; (...) é através dela que o próprio ato de ler tem sido pensado." (p.73).

Na perspectiva proposta por Maria Helena Martins (1990), essas três formas de leitura não podem ser radicalizadas e realizadas separadamente, pois como processo complexo que é o ato de ler, estas somente se efetivam a partir do instante em que tal prática ocupa uma lacuna na vida do leitor, vindo ao encontro de uma necessidade; um desejo; uma emoção; um conhecimento; característica existencial do homem que, geralmente, lê da maneira como vive, em constante interação com suas sensações, emoções e pensamentos.

Em conformidade com Maria Helena Martins, para Bachelard a trajetória da poética e da ciência, esses eixos opostos, nos conduzem à criação e também à desconstrução contínuas, para a formação de nosso espírito, e a partir disso, a leitura que fazemos, tanto em material impresso quanto em ambiente digital, ganha os sentidos e significados do nosso imaginário.

Bachelard, em seus trabalhos literários, nos revela que a imaginação e o poema permitem que o homem possa viver o tempo do instante, afastando-se do tempo da vida, do senso comum, da medida e da continuidade, do tempo que acontece de maneira horizontal. Para ele, é no instante que as imagens expressam-se no eu do poeta que o permite viver no momento presente todas as ambivalências da vida. Como consequência do instante, a imagem que o

poeta vive, não tem passado; antecedentes; causa; não se define e não apresenta continuidade, pois no momento que emerge, logo em seguida desaparece.

Para Bachelard, somente é possível viver uma imagem em único instante, onde se pode ter uma visão plena e total do universo. Para que o homem possa sujeitar-se ao tempo poético, ele precisa descartar o tempo do mundo, esse tempo da vida que rege nossas ações práticas, sucessivas, contínuas e horizontais. É na vivência de um instante único entre as ambivalências e as antíteses que o eu do poeta se eleva verticalmente levando-o até o centro de si mesmo. Apagando-se a horizontalidade e o distanciamento da vida periférica, o tempo se estabiliza, o poeta a partir de sua imaginação criadora atinge a referência auto-sincrônica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrermos a história do livro e os processos de aquisição da leitura, analisarmos e os associamos a teoria da imaginação criadora de Bachelard, concluímos que o homem de que o autor trata, é o homem criador, que a partir do seu trabalho; conhecimento, constrói o mundo surreal que o cerca.

Para Bachelard, habitamos um mundo imaginado, um mundo que resulta de nossa construção racional e técnica, de um mundo que emerge de nossos sonhos e devaneios. O homem de que fala Bachelard é o homem situado na historicidade e na temporalidade, aquele que vivencia a finitude e a provisoriedade da existência e não pode ter acesso ao absoluto. (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p.76)

Nesse sentido, compreendemos ser o homem e a sociedade produtos de suas práticas sociais, culturais e discursivas e quanto ao inverso, a tecnologia faz parte desse contínuo processo de constituição da civilização. As transformações trazidas pelas tecnologias envolvem diversos modos de



significar e ler as práticas sociais. A criação de uma cultura informatizada produz hábitos de simbolização, formalização do conhecimento e manipulação de signos e de representações que misturam as linguagens verbal, audiovisual, pictórica, entre outras, possibilitando uma nova experiência de leitura, palpável na realidade simulada do texto digital.

O que se observa, em suma, é o processo de inovações tecnológicas ecoando continuamente no imaginário e produzindo uma constelação de imagens na ciência e na arte. E percebe-se uma clara analogia entre o livro e o texto impresso frente às modificações tecnomidiáticas do hipertexto e do suporte eletrônico virtual: a expansão contínua do espírito humano, desde a superação das fronteiras do espaço e do tempo através do livro ao mundo da noosfera ou esfera global e planetária da consciência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Elyana e BULCÃO, Marly. Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRAGA, Denise B. e RICARTE, Ivan L. M. Letramento e tecnologia. Cefil/IEL, Unicamp, 2005.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1999.

\_\_\_\_\_. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org.). Práticas de Leitura. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996. p. 77- 103.

COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa. (org.). Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. (Coleção Linguagem e educação)

MACHADO, Arlindo. O fim do livro In: Pré-cinemas & pós-cinemas. São Paulo: Papyrus, 1997. p. 172-187.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Editora Brasileira, 12ª edição, 1990. (Coleção Primeiros Passos)

McLUHAN, Marshall. A Galáxia de Gutenberg. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

NASCIMENTO, Luis Dias do. O processo da produção do conhecimento em educação: a questão da imaginação. 2007. 166f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves. De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização de acervos. In: Eliana Yunes. (Org.). Pensar a leitura: complexidade. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2002, v., p. 120-135.

SILVA, Luiz Otávio Maciel da. Livro eletrônico: mudando paradigmas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12. 2002, Recife. Anais eletrônicos... Recife: UFPE, 2002. 1 CD-Rom.

SIMÕES, Reinério Luiz Moreira. Imaginação Material Segundo Gaston Bachelard. 1999. 162f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VILLAÇA, Nízia. Impresso ou eletrônico? Um trajeto de leitura. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

### **SOBRE A AUTORA**

Luciane Teixeira da Silva é Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com Licenciatura em Educação Infantil, Séries Iniciais e Educação de Jovens e Adultos e Bacharelado em Pedagogia nas Instituições e Movimentos Sociais. Atualmente está cursando pós-graduação *Latu Sensu* em Gestão Escolar: modalidade Gestão Básica na Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Desenvolve pesquisas na área de Leitura com ênfase nos temas gêneros digitais e hipertexto.